



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

PROFESSORAS/PROFESSORES E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: O SILÊNCIO E A HOMOFOBIA.

Lara Costa Barreto²⁵
(UESB)

João Diógenes Ferreira dos Santos²⁶
(UESB)

RESUMO

Neste artigo discutiremos o papel da professora e de professores como em relação as representações de gênero na escola, bem em como isso afeta crianças e jovens que não se enquadram nos padrões de gênero pré-estabelecido e muitas vezes lidam com a homofobia e silêncio e convivência por parte da instituição escolar. A coerção e violência simbólica, psicológica e física que crianças e jovens sofrem quando envolvem essas questões pode acarretar profundos prejuízos em seu processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, se faz urgente e necessário a reflexão de como professoras/professores lidam com tal questão e qual seu papel como educador quando se depara com a homofobia na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Professoras/Professores, representação de gênero, Homofobia.

INTRODUÇÃO

As políticas públicas voltadas a população LGBT tem ganhado pouco a pouco espaço nos programas de Governo e a mídia, principalmente nas redes sociais, vêm publicado casos de crianças transgênero. Em 2004, o governo federal lançou, em conjunto com a sociedade civil, o “Programa Brasil sem Homofobia”, voltado a formular

*Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, membro do Grupo de Pesquisa Diversidade Sexual (UESB). E-mail: lrac_barreto@yahoo.com.br

**Professor titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor do Programa de Pós-Graduação de Memória, Linguagem e Sociedade (UESB). E-mail: jdiogenes69@gmail.com

²⁵

²⁶



e a implementar políticas integradas e de caráter nacional de enfrentamento ao fenômeno da homofobia. O programa traz, no seu cerne, a compreensão de que a democracia não pode prescindir do pluralismo e de políticas de equidade e que, para isso, é indispensável interromper a longa sequência de cumplicidade e indiferença em relação à homofobia e promover o reconhecimento da diversidade sexual e da pluralidade de identidade de gênero, garantindo e promovendo a cidadania de todos/as (JUNQUEIRA,2009,p83). Diante da crescente banalização e “naturalização” da violência, não só da população LGBT, como também as que diferem da padronização do seu gênero, urge as reflexões e questionamentos de como professoras e professores lidam com a questão de gênero na escola? De que forma estão (re)produzindo o padrão da heteronormatividade (LOURO,2009,p34)? E de que maneira seu silêncio contribui para a homofobia na escola? Estariam, as professoras e os professores, preparados para receber uma aluna ou um aluno transgênero? A diversidade clama o debate na escola que se faz urgente e necessário diante da crescente violência sofrida por crianças e jovens que não se adequam ao padrão pré-estabelecido do seu gênero.

PROFESSORAS/PROFESSORES E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA.

A professora e o professor têm um papel importante no processo de aprendizagem do educando (colocando a importância do professor como mediador, sem o sentido e discurso de ser piegas) e visto que seu silêncio pode contribuir e legitimar a violência que sofrem crianças e jovens por não se enquadrarem nos padrões de gênero pré-estabelecido levando, entre outras violências, a homofobia. Outro fator relevante na escola, na relação professor(a)-aluno(a) e no contexto do processo ensino-aprendizagem são as emoções: as emoções possui importante fator na aprendizagem, onde esta intimamente ligada à memória. Pesquisas (WEISS,2005; IZQUIERDO,2007) tem apontado que o sistema límbico²⁷ possui uma área, denominada de hipocampo, que

²⁷O córtex cerebral tem dois componentes de origem distinta. Um, algo mais antigo, formado pelos assim chamados arqui- e paleocórtex constituindo, em conjunto com algumas estruturas sub-corticais, o assim



sugerem o seu envolvimento nas funções da memória (BRODAL, 1998). A memória é o meio pelo qual retemos e nos valem de nossas experiências passadas para usar essas informações no presente (TULVING,1999,p98). O stress que muitos educando passam por não seguir o padrão da heteronormatividade (LOURO,2000,p65) causa repercussões diretas em seu processo de ensino-aprendizagem, além de violar direitos estabelecidos em Lei (ECA, Art. 5º:/1990) e comprometendo também seu desenvolvimento cognitivo, já que os ditos “normais”, que seguem e se sentem confortáveis com seu gênero e o “padrão estabelecido para tal ”não sofrem tamanha coerção e violência nesse sentido. O stress em si não é uma doença, mas quando intensa ou prolongada, a reação ao stress pode enfraquecer o organismo, levando-o a uma condição que propicia uma queda no funcionamento do sistema imunológico de tal porte que vários sintomas e doenças podem se manifestar (LIPP *org.*,2000,p176). Na perspectiva neurológica, o stress esta relacionado com a ativação do sistema nervoso autônomo simpático-medular-adrenal, responsável pelas reações viscerais do organismo. Ativada essa área, a criança pode apresentar diversas reações do organismo, “[...] mediante as alterações bioquímicas complexas, que tem como respostas sintomas físicos e psicológicos, tal como sudorese, taquicardia febres, dores de estômago, como também agressividade, apatia, excesso de choro” (TRICOLLI, 2000,p167), podendo dificultar assim, o processo-ensino aprendizagem na sala de aula.

chamado sistema límbico. Esse sistema se encontra bem desenvolvido em todos os mamíferos. Ele é essencial para a regulação de nossas emoções mais complexas e de nossos estados afetivos e motivacionais mais finos. Garante assim, a diversos grupos de aves e de mamíferos, a estruturação de relações sociais baseadas na afetividade, algo essencial para o comportamento parental (maternal, paternal, grupal familiar) e para a formação de laços inter-individuais, essenciais para a organização social mais complexa desses grupos. O sistema límbico e, em especial algumas de suas partes, como o hipocampo tem um papel importante também no aprendizado. Avaliando o significado emocional e afetivo de cada informação que nos chega, ele nos ajuda a selecionar aquelas que deverão ser armazenadas na memória (o que ocorrerá no neocórtex) e a desprezar aquelas “irrelevantes” no momento” (IZQUIERDO,2007,p38)



HOMOFOBIA E ESCOLA

A discussão sobre o combate a homofobia urge visto que, "[...] enquanto uma vítima de racismo é acolhida e confortada por sua família, a vítima de homofobia, com raras exceções, não encontra em sua própria casa a compreensão e o apoio necessários para seu conforto" (MEC, 2011,p34). Depreende-se daí o papel fundamental que uma escola verdadeiramente cidadã tem de desnaturalizar a homofobia para além de seus muros e acolher a todos que estão inseridos na escola, possibilitando um ambiente escolar saudável para suas crianças e jovens, livre dessa violência simbólica, psicológica e física que sofrem diariamente por não seguir "padrões naturais" impostos e assim construindo barreiras psicológicas que interferem em seu processo de aprendizagem.

Segundo FOUCAULT (2009):

[...] Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (FOUCAULT, 2009,p77)

As relações trazidas e aceitas na escola, por professoras/professores e também direção, é sempre do padrão homem, branco, hetero: nos filmes, livros didáticos, nos comentários em sala, nos trabalhos que são solicitados (a mulher heterossexual não foge a violência) trazida para estreitar as relações de poder (FOUCAULT, 2009, p56) enraizando a posição do dominante e dominado (BOURDIE, 2002,p82). Fugir ao debate, a discussão da violência que perpassa a vida escolar da criança e jovem que não seguem padrões de gênero não faz com que elas não deixem de existir ou que essa violência não exista. Sendo assim, o debate, as reflexões em torno das representações de gênero de faz importante e fundamental visto que toda criança e jovem tem o direito se sentir representados e aceitos no ambiente escolar.



Pode-se questionar que a sexualidade é uma construção social: “[...] O que é próprio do feminino e do masculino é tudo aquilo que cada sociedade assim convencionou” (MEC, 2011,p23). O conceito de gênero se destina a questionar a hegemonia masculina, que impõe a subordinação das mulheres, fazendo com que tudo (ou quase) que remeta ao mundo dos homens seja melhor ou superior ao universo feminino. Sendo assim, como a escola se insere nesse contexto?

De acordo com LOURO(2000):

Dentro da instituição educacional circulam imaginários, regras e tons de interação, formas de hierarquização, papéis e formatos de participação, construção dos corpos, narrativas pessoais e jogos de linguagem que colocam em ação, de forma cotidiana por infinita repetição, as diferenças entre os sexos socialmente impostas pelas relações de gênero. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO,2000, p98)

Segundo BORRILLO (2010, p.44), “a semelhança do racismo”, do antissemitismo ou da misoginia, a hostilidade contra os gays e as lésbicas (podemos incluir na discussão da criança transgênero) é, antes de tudo, o resultado da impossibilidade vivenciada por alguém para se representar a diferença,. A pressão que é imposta como sendo aceito e legitimado apenas um tipo de exercício da sexualidade, leva muitas pessoas a cometer suicídio por não aguentarem tamanha coerção e pressão para inibir os desejos e sentimentos por pessoas do mesmo sexo: não é surpreendente que os jovens homossexuais (ou que não se adequam aos padrões dominantes de gênero) sejam atingidos, em particular, por depressão, hospitalização psiquiátrica e tentativas de suicídio. Nesse aspecto, T. HAMMELMAN (1993, p78; ver, também, DORAIS, 2001) demonstra que a homossexualidade é uma das principais causas de tentativas de suicídio entre os adolescentes: “[...] o isolamento social, o assédio e os numerosos riscos de violências, assim como a rejeição familiar, acentuam a perda de autoestima”.



Segundo FOUCAULT (1987):

a morte-suplício é a arte de reter a vida no sofrimento, subdividindo-a em “mil mortes” e obtendo, antes de cessar a existência, *themostexquisite agonies*. O suplício repousa na arte quantitativa do sofrimento. Mas não é só: esta produção é regulada. O que Peter McLaren (1995) chamou de um apartheid sexual, expressando-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo (FOUCAULT, 1987, p53).

Nesse processo, a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade "normal" e, de outro, simultaneamente, contê-la. Um homem ou uma mulher "de verdade" deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso (LOURO,2000). Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. (LOURO,2009)

Segundo Richard Johnson (1996, p.176), seguindo Eve Sedgwick (*apud* LOURO,2000) analisando que a epistemologia tem marcado nossas concepções de sexualidade, se referindo ao conjunto de oposições binárias com que operamos, especialmente nas escolas, e cita os seguintes pares: "homossexual/heterossexual; feminino/masculino; privado/público; segredo/revelação; ignorância/conhecimento; e inocência/iniciação". Sua argumentação agrega mais uma dicotomia: closeing/educação (o que talvez pudesse ser traduzido por ocultamento ou segredo/ educação), para discutir o quanto as escolas — que, supostamente, devem ser um local para o conhecimento — são, no tocante à sexualidade, um local de ocultamento. A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém "assuma" sua condição de



homossexual ou bissexual ou transexual. Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. (LOURO,2000)

É preciso desconstruir a representação de que a homossexualidade não é “natural”, normal” ou o discurso falido e raso de que irá interferir na procriação. a especificação das pessoas através dessas características, a criação de "posições de-sujeito" ao redor dessas atividades, é um fenômeno histórico (WEEKS, 2000,p57) Poder exercer livremente a sexualidade, sem interferência do estado, sociedade, é uma reivindicação mais do que óbvia que se torna absurda ter que lutar por direitos tão básicos, que deveriam ser inerente a todos, sem distinção, como diz o art. 5 da CF/88. Segundo Louro(2000):

[...] podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. “Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas” (LOURO,2000,p72).

A homofobia é um preconceito e uma ignorância que consiste em crer na supremacia da heterossexualidade. Em nome de que princípio e em virtude de que tese será possível ainda continuar defendendo que a heterossexualidade é preferível à homossexualidade?”(BORRILLO,2010,p43) Na realidade, a homofobia é não só uma violência contra os homossexuais, mas igualmente uma agressão contra os valores que fundamentam a democracia. Em seu livro *Espírito das leis de Montesquieu* (1689-1755), trazido no contexto porBorrillo (2010,p97),escreveu o seguinte: "Eu me sentiria o mais feliz dos mortais se pudesse contribuir para que os homens conseguissem curar-se de seus preconceitos”.



CONCLUSÕES

As reflexões em torno das representações de gênero na escola se tornam urgente e fundamental, visto que diariamente crianças e jovens sofrem tamanha violência, tanto física quanto psicológica, sobre suas vestimentas, modo de nadar, falar, sendo todo o tempo vigiadas e coagidas a seguir padrões dominante de gênero

Sendo assim, o papel da professora e do professor possui tamanho destaque visto que participa ativamente do processo ensino-aprendizagem dessas crianças e jovens. A homofobia, cada vez mais presente no ambiente escolar tem se tornando “natural” e aceito por grande do corpo que compõem a instituição escolar, determinando, a partir do gênero e sexualidade, quais crianças e jovens podem usufruir do acesso ao conhecimento.

Não se está sendo educado, nas escolas onde o debate foi trazido, para conviver com a diversidade ou respeitar ao próximo e suas “diferenças”. Ainda não se sabe conviver pacificamente com indivíduos que não congregam do mesmo pensamento, filosofias ou sexualidade. Uma das mais famosas frases da biógrafa de Voltaire, escrita por Evelyn B. Hall, sob pseudônimo de Tallentyre (1906, p100) traduz bem esse sentimento de se aprender a conviver com a diversidade: “Posso não concordar com nenhuma das palavras que você disser, mas defenderei até a morte o direito de você dizê-las”.

REFERÊNCIAS

- BORRILLO, D. **Homofobia : história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. - (Ensaio Geral, 1). [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira].
- BOURDIE, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 2ª Ed. Trad. Maria Helena Kuhner.
- BRASIL, **Comitê nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: SEDH/MEC/MJ/UNESCO, 2006.
- BRODAL, A. **Anatomia Neurológica**. São Paulo: ROCA. 1998. 3ed.



- HAMMELAMN, T. L. (1993). **Gay and Lesbian Youth: Contributing Factors to Serious Attempts or Considerations of Suicide.** Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy, 2 (1), 77- 89.
- IZQUIERDO, I.; IZQUIERDO, L. A.; VIANNA, M. R.; CAMMAROTA, M. Neurobiologia da Memória. In: Caixeta, L. **Demência. Abordagem Multidisciplinar.** São Paulo, Atheneu, 2007.
- JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO, 2009.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis, Vozes, 1987. tradução de Raquel Ramallete.
- SUTER, E. E; WEISS, C.; DISTERHOFT, J. F. **.Perirhinal and postrhinal, but not lateral entorhinal, cortices are essential for acquisition of trace eyeblink conditioning.** 2013. Cold Spring Harbor Laboratory Press. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3549062/> Acessado em 23 mar. 2015.
- LIPP, M.E.N. O stress da criança e suas consequências. In: LIPP, M. E. N. (Org). **Crianças estressadas: sintomas, Causas e Soluções.** Campinas: Ed. Papyrus, 2000.
- LOURO, G. L.. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (org) **Diversidade Sexual na educação: problemáticas sobre homofobia nas escolas.** Brasília: MEC/SECAD, 2009b p. 85-93
- LOURO, G. L. (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler. 2ª Edição Autêntica Belo Horizonte 2000. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva.
- TALLENTYRE, S.G. **The Friends of Voltareti.** London. 1906. Disponível em: https://archive.org/stream/friendsofvoltair00hallrich/friendsofvoltair00hallrich_djvu.txt acessado em 04 mar. 2015.
- TRICOLI, V. A C. A criança e a escola. In: LIPP, M. N. (Org). **Crianças Estressadas: Causas, sintomas e soluções.** Campinas: Papyrus, 2000. Pp. 123-148.
- TULVING, E. Study of memory: Process and systems. In: FOSTER, J.K; JELICIC, M. (orgs.) **Memory: Systems, process or function?** Oxford: Oxford University Press.
- WEEKS, J. O Corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L.(org.), **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.